

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: A COMÉDIA (PARTE II)
- A COMÉDIA, IMPROVAVELMENTE
18 e 23 de setembro de 2020

THE FEARLESS VAMPIRE KILLERS / 1967

(Por Favor Não Me Morda o Pescoço)

um filme de Roman Polanski

Realização: Roman Polanski / **Argumento:** Gérard Brach, Roman Polanski / **Fotografia:** Douglas Slocombe / **Direção Artística:** Fred Carter / **Música:** Christopher (Krzysztof) YOUNG / **Montagem:** Alastair Mc Intyre / **Engenheiro de Som:** George Stephenson / **Figurinos:** Sophie Devine / **Maquilhagem:** Tom Smith / **Coreografia:** Tutte Lemkow / **Genérico:** Andre François / **Intérpretes:** Jack Mac Gowran (Professor Abronsius), Roman Polanski (Alfred), Sharon Tate (Sarah), Alfie Bass (o estalajadeiro Shagal), Ferdy Mayne (Conde Von Krolock), Terry Downes (Koukol, o corcunda), Fiona Lewis (Magda, a criada), Iain Quarrier (Herbert, o filho do conde), Jessie Robins (Rebecca, a mulher de Shagal), Ronald Lacey (o idiota da aldeia), Sydney Bromley (o condutor do tremó), Andre Malandrinos, Otto Duamant, Matthew Walters (lenhadores).

Produção: Cadre Films-Filmway / **Director de produção:** David W. Orton / **Cópia:** 35mm, colorida, versão original, legendada em espanhol e eletronicamente em português, 107 minutos / **Estreia Mundial:** Grã-Bretanha, em Fevereiro de 1967 / **Estreia em Portugal:** Estúdio, em 14 de Março de 1968.

The Fearless Vampire Killers, aliás **Dance of the Vampires**, aliás **Pardon Me But Your Teeth Are On My Neck** (série de títulos que testemunham das confusões e imbróglis à volta do filme) tornou-se, com o tempo, o principal filme de "culto" para os admiradores de Roman Polanski. Aconteceu com ele o que é norma dos filmes "culto": foi um desastre de bilheteira ao começo. De facto durante algum tempo a MGM não soube o que fazer com tão "esquisito" objecto, produzido em Inglaterra e que lhe foi parar às mãos para distribuição. Foi visto em Novembro de 1967 numa versão já amputada em cerca de 20 minutos (cerca de 90) e os responsáveis preferiram "testá-lo" no mercado europeu antes de se aventurarem a exibi-lo nos EUA, o que geralmente acontecia então (e hoje mais do que nunca) com filmes de duvidosa "saída" comercial, procurando o aval de filme "de arte" (de "arte e ensaio" como então se dizia, de acordo com as salas em que eram exibidos, como aquela que em Lisboa então correspondia ao modelo e onde este filme se estreou: o Estúdio, sito no último andar do Império, antes desta sala se dedicar a outras "extensões" esotéricas). Um pouco anonimamente o filme de Polanski assim circulou pela Europa e por cá o vimos na data acima indicada. Pouco mais de um ano depois começou a verificar-se uma curiosa "corrida" ao filme, voltando às salas agora com êxito e alvo de atenção e discussão. Para nos limitarmos aos efeitos locais destaque-se que o filme volta agora para uma sala de características populares, o Condes, a partir de 12 de Setembro (o que para os padrões de então correspondia a uma "inauguração" de temporada) de 1969. Que acontecera de especial no decorrer de um ano? "Apenas" a estreia de **Rosemary's Baby**, e o inesperado e estrondoso sucesso de uma obra que iria abrir a moda dos "filmes demoníacos". O seu sucesso, como é regra em casos semelhantes, levou à "recuperação" de obras anteriores do mesmo realizador, antes esquecidas. **The Fearless Vampire Killers** veio, deste modo, impor-se, com o destino que se sabe.

Tal "recuperação" não trouxe, porém, a "restauração" do filme na sua versão integral. Mesmo nas cópias exibidas na Europa (as mais completas comparando com a americana de 90 minutos), faltam cerca de 5 minutos que correspondem ao desenho animado pré-genérico em que as figuras do professor Abronsius e Alfred, animadas, experimentam vários "remédios" anti-vampiro, que se liga imediatamente ao genérico (do mesmo autor, André François) e que antecede o logotipo da MGM transformando-se num vampiro de onde sai a gota de sangue que acompanha todo o genérico.

Se **The Fearless Vampire Killers** acabou por se transformar num filme culto terá sido, antes de mais, graças à forma irreverente e iconoclasta como aborda o tema (forma essa que terá sido a causa, também, da incompreensão inicial). Paródias a filmes de vampiros já tinham sido feitas, em particular na fase de decadência da fase da Universal do género, que fez passar o mito pelas mãos de Abbott e Costello (para não citar as inenarráveis incursões de Ed Wood com Bela Lugosi). A própria série britânica da Hammer já se aproximava da irrisão com a cansativa repetição dos clichés do género. Ora foi a forma como o filme de Polanski se manifesta contra eles que acabou, após a fase de "amadurecimento" que corresponde à "aceitação", por lhe trazer a popularidade. De facto **The Fearless Vampire Killers** é o primeiro filme a romper com eles, fazendo-o através da sátira. O filme contém uma cena que se pode considerar como sendo o momento de "ruptura", para usar de um antigo termo estruturalista, a cena que corresponde ao "corte epistemológico". Quando Shagal, o estalajadeiro judeu (Alfie Bass) já transformado em vampiro entra no quarto da criada, que quando humano "visitava" à socapa da esposa, esta agarra num crucifixo, a peça principal da clássica panóplia anti-vampiro, para o "afastar", e Shagal com um riso escarninho diz-lhe: "You got the wrong vampire!" referindo-se à sua condição de judeu, portanto "imune" ao símbolo cristão. Desde o começo do filme que Polanski "prepara" esta cena destacando a origem do estalajadeiro, "desenhando-o" de acordo com a iconografia clássica, de modo a tornar rapidamente compreensível o gag. Só por si tal "transformação" é mais do que sugestiva, na medida em que remete para um imaginário exclusivamente cristão o mito do vampiro (e, por extensão, o da sexualidade que é "preciso" reprimir), mesmo que a figura co-exista com a de outras culturas (a indiana e japonesa, possuem-na também mas a outro nível, mais ligada à tradição). Se tal cena representa a "ruptura", esta é feita também a outro nível, e que tem a ver com a "impossibilidade" de destruir o "mal". Até então o filme de vampiros terminava sempre com a vitória do "bem", com Drácula (ou qualquer émulo seu) desfazendo-se em pó, mesmo que tal triunfo fosse efémero, regressando numa "sequela", pelo menos enquanto o público o aceitasse. Esta "coexistência" com o "mal", ou a constatação da impossibilidade de vitória do "bem" que o final do filme de Polanski anuncia (a disseminação do "mal", levado involuntariamente pelo seu maior "inimigo", o professor Abronsius, pelo mundo fora), prepara-nos para o filme seguinte, **Rosemary's Baby** que termina com uma situação semelhante mas já a um nível superior: o da sua aceitação consciente: Mia Farrow levada pelo "instinto" maternal, "aceita" o "filho" do diabo. Algum tempo depois, outro filme de vampiros, **Nosferatu, Phantom der Nach/Nosferatu, o Fantasma da Noite** (1978) de Werner Herzog, retoma o mesmo tipo de final projectando a disseminação do "mal" pelo mundo. Tudo isto tem a ver com toda a obra de Roman Polanski. Todos os seus filmes circulam à volta desse tema, do conflito entre o Bem e o Mal que pode tomar características fantásticas (**The Fearless Vampire Killers, Rosemary's Baby**) ou projectar uma psique cindida (**Repulsion**). Em qualquer dos seus filmes aquilo a que se assiste é à busca de uma harmonia entre contrários que se revela, evidentemente, impossível, acabando, quando muito, por uma "aceitação" da existência do "outro" (**Death and the Maiden**).

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico